

apenas leva as pessoas a subestimarem a sua felicidade futura, como é também responsável por certos comportamentos aparentemente estranhos ou contraditórios. Recorrendo à metáfora do sistema imunológico, Gilbert considera os indivíduos como tendo um sistema imunitário psicológico que defende a mente da infelicidade, da mesma forma que o sistema imunitário físico defende o corpo da doença. Este sistema teria o papel de regular o delicado equilíbrio entre realidade e ilusão..

Finalmente, na parte seis, o autor explica porque as ilusões de previsão não são facilmente remediadas pela experiência pessoal ou pela sabedoria que herdamos dos nossos antepassados. Propõe no capítulo final uma solução que, como o próprio confessa, é dificilmente aplicável. É discutido o papel de crenças geradas e replicadas pelos sistemas sociais relacionadas com a fórmula de ser feliz e com a forma como nos concebemos como entidades únicas e especiais. Terminando com as palavras de Daniel Gilbert: 'Não há uma fórmula simples para encontrar a felicidade. Mas se os nossos grandes e ótimos cérebros não nos permitem caminhar seguramente para os nossos futuros, eles permitem-nos, pelo menos, perceber o que nos faz tropeçar' (p.297).

Dado o tema tão essencial à condição humana e a forma interdisciplinar e inteligível como é abordado, é um livro capaz de interessar qualquer pessoa, independentemente da sua área académica. Para a psicologia clínica ou para os que trabalham na área da saúde mental é uma obra enriquecedora e inovadora, onde questões como o sofrimento, necessidade de controlo, falhas, enganos e erros da mente humana, crenças pessoais e culturais são articulados de forma brilhante e graciosa, com implicações práticas para a conceptualização da psicopatologia.

Marina Cunha

Instituto Superior Miguel Torga

Edmundo Pedro. 2007. Memórias: Um Combate pela Liberdade. Volume I. Lisboa: Âncora Editora. 554 pp. ISBN 978 972 780 187 9.

A obscuridade tecida em torno de um longo período da história do século XX português

tem levado a que, à míngua de documentos, não se saiba muito sobre o que foi o registo de violência e privação de liberdades, a que ficaram sujeitas gerações dos que se bateram contra a poderosa máquina repressiva em que progressivamente se transformou a ditadura saída do golpe militar de 28 de Maio de 1926, *maxime* dos militantes do Partido Comunista Português

Movimentos de grupos de anarquistas, anarco-sindicalistas, comunistas e outros democratas foram sujeitos a feroz perseguição e muitos foram os que passaram pelas prisões do Aljube, Caxias, Peniche e por essa infâmia que foi o Campo do Tarrafal, em Cabo Verde, conhecido como *campo da morte lenta*.

Um grupo de investigadores, sob direcção do Prof. Fernando Rosas, encetou a possível pesquisa que tem dado frutos, em determinada aposta no estudo desse período, revendo e desmontando o discurso solfejado de algumas outras vozes, vinculadas à candura das almas sonolentas, como se houvesse um ditador bom, que teve de realizar algumas tarefas pesadas para tirar o país do que chamam período negro, a estafada ideia da balbúrdia republicana, agitando ao mesmo tempo, como justificação dos desmandos, sempre edulcorados, o fantasma do comunismo a que era preciso responder.

Com a inexorabilidade do tempo, um a um têm desaparecido aqueles que podiam testemunhar a dimensão da brutalidade repressiva, como igualmente podiam clarificar o que foi a participação do Partido Comunista Português na luta pela democracia, independentemente de juízos que se podem fazer sobre modelos de sociedade e, mais tarde, sobre caminhos ou desvios no tempo que ficou conhecido como PREC, acrónimo de Processo Revolucionário em Curso.

Sabido que continuam fechados aos investigadores os arquivos daquele partido político, a história vai podendo fazer-se sustentada em alguns depoimentos, o que evidentemente requer posterior confronto com acervos documentais, quando o PCP se dispuser, se acaso se dispuser, franquear a importantíssima documentação à sua guarda e sua pertença.

A obra que acaba de ser lançada no mercado, *Memórias. Um Combate pela Liberdade*, de Edmundo Pedro, é inestimável contributo para que se conheça o que foi a violência repressiva do regime salazarista, por um lado, e a intervenção do Partido Comunista,

por outro, na organização da resistência e na formação de quadros, e naturalmente a avaliação do trabalho de alguns dos seus membros, os que morreram na luta, os que permaneceram na acção e também muitos dos que por motivações diversas abandonaram o partido.

Aos 88 anos de idade, com um história pessoal de combatente de longuíssimo empenhamento, notória em nossos dias, filho de uma família de militantes comunistas, Edmundo Pedro foi condenado aos 15 anos de idade pelo Tribunal Especial Militar a um ano de prisão e à perda de direitos políticos por cinco anos.

Aos 17 anos, de novo preso, é deportado, junto com seu pai, para o campo de concentração do Tarrafal, onde sofreu as agruras de um cativo violentíssimo durante nove anos, vendo morrer companheiros, mas a um tempo trabalhando para a libertação e para a sua formação pessoal, pela via do estudo.

Nesse campo de tortura e morte, reforça a sua formação política no contacto com homens como Bento Gonçalves, secretário-geral do PCP e com o sindicalista José de Sousa, dirigente comunista que, mais tarde, haveria de abandonar o partido, também Francisco Paula de Oliveira (*Pave!*), homens que, em 1929, foram dos principais reorganizadores do PCP, e que no período compreendido entre 1929 e 1935 lhe imprimiram orientação leninista, seguindo directivas da Internacional Comunista.

Edmundo Pedro, no final da segunda grande guerra, encontrou espaço subjectivo de análise que haveria de lhe impor o abandono do PCP, não abandonando, porém, a luta política. Uma vida de luta pela dignidade do Homem é a característica cardinal de toda a sua acção pessoal, individual ou enquadrado em organizações em que apostou, e a sua acção, embora em registo modesto, avulta nas páginas do livro.

Ao dispor-me a recensear estas *Memórias*, confrontei-me, desde logo, com dificuldades suplementares decorrentes de natural pudor. Trata-se de obra de um amigo que muito admiro e respeito, um fraterno companheiro de exercício da liberdade e da cidadania, com quem aprendi a dimensão maior da coragem e da determinação na luta por ideais.

Tal facto, obviamente, não pode tolher-nos o rigor da leitura e de recomendação de uma obra que reputamos de fundamental para a compreensão do que foi a ditadura e seus

mecanismos repressores, que ao mesmo tempo abre clareiras na possibilidade de estudo da acção do PCP, ilumina a biografia de algumas personalidades sobre quem tem pesado silêncio, e nos dispõe ao conhecimento de algumas sombras, para não irmos mais longe, adensadas pela sonegação, aos estudiosos, dos arquivos daquele partido.

O que foi a persistente resistência e o esforço de superação de pessoais limitações de muitos dos que conseguiram sobreviver à tortura, podemos ler nesta passagem: 'Tal como eu, muitos foram os prisioneiros que se cultivaram no Tarrafal e que, enriquecidos com novos saberes, talharam depois de voltarem à liberdade, carreiras profissionais diferentes das que tinham antes de serem encarcerados. Não éramos "estudantes-trabalhadores". Éramos, sim, "estudantes-escravos". As horas que dedicávamos ao estudo eram roubadas, depois de um dia de trabalho, por vezes esgotante, ao merecido descanso'. (p.491).

A força destes homens dedicados a um ideal em que acreditavam, suportando iniquidades e uma violência sem limites, ainda hoje faz com que estremeçamos e não nos possamos eximir a uma funda admiração e respeito, ainda que distanciados desses ideais. Estas *Memórias* de Edmundo Pedro convocam a história como 'testemunho ímpar dessa vida de heroísmo e dádiva total, secreta, clandestina, trespassada pelo sacrifício sem fim, quantas vezes o da própria vida, sempre o da liberdade e da felicidade individual', como afirma Fernando Rosas no Posfácio.

Testemunho de um tempo e de grandes personalidades revolucionárias, impõe-se a uma leitura serena e objectiva, de evidente importância numa época em que uns tantos se empenham no branqueamento do ditador, o que se projecta para além da mentira histórica como verdadeiro insulto à inteligência.

Ficamos à espera da segunda parte das memórias deste dirigente do Partido Socialista, que serão relevantes igualmente para o conhecimento do período a seguir a 25 de Abril de 1974, em que uma vez mais conheceu a prisão e foi alvo de calúnias, quando se empenhou na luta contra a instauração de outro rosto da ditadura.

José Henrique Dias

*Instituto Superior Miguel Torga.
Investigador do Centro de História da
Cultura da UNL*